

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

CARLA MARIANA AMARAL

**PROMOÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL EM
ABRIGOS DE UBERLÂNDIA**

UBERLÂNDIA
MG2022

CARLA MARIANA AMARAL

**PROMOÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL EM
ABRIGOS DE UBERLÂNDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Medicina
Veterinária da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
a obtenção do título de bacharel em
Medicina Veterinária .

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Franchi
João

UBERLÂNDIA

MG2022

CARLA MARIANA AMARAL

**PROMOÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL EM
ABRIGOS DE UBERLÂNDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Medicina
Veterinária da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
a obtenção do título de bacharel em
Medicina Veterinária .

Uberlândia, 12 de agosto de 2022.

Profa. Dra. Carolina Franchi João
Faculdade de Medicina Veterinária – UFU

Profa. Dra. Kênia de Fátima Carrijo
Faculdade de Medicina Veterinária – UFU

Profa. Dra. Anna Monteiro Correia Lima
Faculdade de Medicina Veterinária – UFU

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque Dele, por Ele e para Ele são TODAS as coisas.

Aos animais, que mesmo sem palavras nos ensinam grandes lições, contribuindo em nossa jornada evolutiva.

Aos meus pais, minha irmã e cunhado, meus lindos sobrinhos e meu amado filho...

Vocês são minha base e a razão de ter chegado até aqui, gratidão!

Aos mestres, professores, orientadores, colegas de classe e amigos que tive o privilégio de conviver nas instituições de ensino pelas quais passei nestes anos de graduação.

Ao primeiro felino que adotei, meu querido Alex, que me acompanhou nos piores e melhores momentos, foi meu melhor companheiro por quase 8 anos. Infelizmente, partiu este ano. Obrigada por tudo meu pitutu!

As ONGs, setores da universidade, hospitais, clínicas, médicos veterinários e suas equipes que me abriram as portas para que eu realizasse estágio, pesquisa ou serviço voluntário, compartilhando conhecimentos e experiências, aumentando minha bagagem.

Aos defensores e apaixonados por animais, e a todo ser humano que protege, abriga e cuida de criaturinhas divinas abandonadas à própria sorte ou vítimas da crueldade deste mundo. A vocês minha solidariedade, meu respeito e admiração! Desejo que Deus os abençoe e fortaleça sempre, pois a luta é grande. Dedico a vocês este trabalho!

RESUMO

A promoção à saúde e ao bem-estar animal em abrigos é um tema de grande importância, visto que esses são locais que alojam os animais que estiveram em situação de rua, durante um período, com intuito de que tenham a saúde restabelecida e estejam aptos a serem realocados em lares permanentes, através de adoção responsável. Sendo assim, o problema de pesquisa desse trabalho foi buscar compreender como os abrigos de Uberlândia atualmente conseguem realizar medidas de bem-estar animal e promoção à saúde, também trazendo o questionamento de como os gestores compreendem a importância da implantação de tais ações. O presente trabalho teve por objetivo principal conhecer e avaliar os abrigos existentes na cidade de Uberlândia, bem como avaliar qual a taxa de admissões, taxa de adoção, o tempo médio de reabilitação e castrações, se há investimento em medicina preventiva, estratégias para captação de recursos, voluntariado, parcerias, capacitação e marketing. A metodologia adotada foi de cunho quali-quantitativo, ou seja, foi mostrado tanto com os aspectos avaliativos como com os dados quantitativos. Através de uma pesquisa de campo, foram reunidas as informações, dados necessários e realizou-se uma análise do conteúdo encontrado para tentar responder à problemática. Participaram da pesquisa oito abrigos da cidade de Uberlândia – MG. No presente estudo foi possível observar de perto como funciona os abrigos na prática e falar diretamente com os responsáveis demonstrando-lhes os pontos que podem ser melhorados, contribuindo diretamente para o bem estar dos animais. Verificamos que alguns protetores ainda são resistentes em direcionar os animais reabilitados e sadios para adoção, não participando dos eventos ou deixando de divulgar animais que já estão em condições de serem realocados, resultando em acúmulo de animais nesses abrigos. Além de não abrir vaga para novos animais, os resgatados reabilitados perdem a oportunidade de encontrar uma família onde poderá expressar seu comportamento natural de proteção, vigília, brincadeiras, atenção e cuidados exclusivos, presença e interação humana mais constantes do que se recebe em abrigos. Vale ressaltar que o enriquecimento ambiental é fundamental nos abrigos, devendo ser considerado indispensável para saúde física e mental dos animais, proporcionando bem estar e melhor convívio entre os animais abrigados.

Palavras-chave: guarda-responsável; comportamento animal; animais em situação de rua; adoção responsável

ABSTRACT

The promotion of health and animal welfare in shelters is a topic of great importance, since these are places that house animals that have been homeless for a period, with the aim of restoring their health and being fit. to be relocated to permanent homes through responsible adoption. This work is usually carried out by non-governmental organizations and independent protectors in conjunction with the population, and can sometimes count on the support of the public authorities. Therefore, the research problem of this work is to seek to understand how shelters in Uberlândia are currently able to carry out measures of animal welfare and health promotion, also raising the question of how managers understand the importance of implementing such actions. The main objective of the present work is to know and evaluate the existing shelters in the city of Uberlândia, as well as to evaluate the admission rate, adoption rate, the average time of rehabilitation and castrations, if there is investment in preventive medicine, strategies to capture resources, volunteering, partnerships, training and marketing. The methodology is of a qualitative-quantitative nature, that is, it is shown both with evaluative aspects and with quantitative data. Through a field research, the necessary information and data were gathered and an analysis was made of the content found to try to answer the problem. Eight shelters in the city of Uberlândia - MG participated in the research. The contacted data were tabulated according to blocks and tables below. In the present study, it was possible to observe closely how shelters work in practice. Talk to those in charge and show them the points directly that can be sent directly to the animals' welfare.

Keywords: Shelters; Animals; Promotion; Welfare; Health.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REVISÃO DA LITERATURA	9
2.1	Sobre abrigo de animais	9
2.2	Bem-estar do animal em abrigos.....	11
2.3	Promoção à saúde do animal.....	12
2.4	Avaliação do comportamento do animal.....	13
2.5	Enriquecimento ambiental e socialização em abrigos	14
2.6	Adoção de animais em abrigos.....	16
3	METODOLOGIA	17
3.1	Resultados	18
3.2	Discussão	24
4	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXOS	28

1 INTRODUÇÃO

Animais em situação de rua são considerados um problema social, fruto da irresponsabilidade humana em relação à sua guarda, bem como sua reprodução não planejada. Uma vez abandonados, sofrem com a falta de água, alimento, abrigo, higiene e, ainda, podem sofrer acidentes e maus-tratos (BISPO *et al.* 2017).

A falta de acesso desses animais a necessidades básicas, especialmente à higiene, faz com que acabem por contrair e transmitir agentes etiológicos de doenças, poluir o ambiente ao buscar alimento nos lixos, avançar em pessoas como forma de defesa, provocar acidentes de trânsito e se reproduzir indiscriminadamente, o que agrava ainda mais essa situação.

É, portanto, um problema público e cultural, de solução a longo prazo, que necessita do olhar atento e colaboração de toda sociedade. Diante disso, são essenciais políticas públicas com ações efetivas de controle populacional, acolhimento e cuidados específicos (BISPO *et al.* 2017).

A promoção à saúde e ao bem-estar animal em abrigos é um tema de grande importância, visto que esses são locais que alojam os animais que estiveram em situação de rua, durante um período, com intuito de que tenham a saúde restabelecida e estejam aptos a serem realocados em lares permanentes, através de adoção responsável. Esse trabalho geralmente é realizado por organizações não governamentais (ONGs) e protetores independentes em conjunto com a população, podendo, algumas vezes, contar com apoio do poder público.

Para que um abrigo cumpra seu papel com êxito é preciso atentar-se aos indicadores de bem-estar animal (BEA). Segundo UMEES (2020), o BEA consiste na “condição fisiológica e psicológica na qual o animal é capaz de adaptar-se comodamente ao entorno, podendo satisfazer suas necessidades básicas e desenvolver suas capacidades conforme a sua natureza biológica” (UMEES, 2020).

Entretanto, em razão das diversas dificuldades apresentadas nos abrigos, estes nem sempre conseguem manter bons níveis de bem-estar animal. Enfrentam adversidades como: alta densidade de populacional, animais com histórico e origem desconhecidos, não vacinados, com doenças físicas e psicológicas, que podem ser agravadas devido ao estresse do confinamento e manejo inadequado. Nesse sentido, umas das atribuições do médico veterinário é exercer um trabalho educativo, fazendo uso de seus conhecimentos em Medicina do Coletivo, para auxiliar na prevenção do abandono animal e no bom desenvolvimento das atividades em abrigos.

Sendo assim, o problema de pesquisa desse trabalho foi buscar compreender como os

abrigos de Uberlândia atualmente conseguem realizar medidas de bem-estar animal e promoção à saúde, também trazendo o questionamentos de como os gestores compreendem a importância da implantação de tais ações.

O presente trabalho teve por objetivo principal conhecer e avaliar os abrigos existentes na cidade de Uberlândia, bem como avaliar qual a taxa de admissões, taxa de adoção, o tempo médio de reabilitação e castrações, se há investimento em medicina preventiva, estratégias para captação de recursos, voluntariado, parcerias, capacitação e marketing. Assim, espera-se que com a obtenção dessas informações possam contribuir para análise quanto à criações de propostas para os abrigos e a criação de políticas públicas, visando promoção da saúde e bem-estar animal.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Sobre abrigo de animais

O artigo 32 da Lei Federal nº 9.605/98 estabelece como crime contra o meio ambiente “praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados”. Em complementação, o inciso IV do art. 5º da resolução nº 1.236, de 26 de outubro de 2018 indica como maus-tratos abandonar animais. Em Minas Gerais a Lei Nº 21.970/2016 em seu Art. 3º dispõe que compete ao município com apoio do Estado, entre outras coisas, “a proteção, a prevenção e a punição de maus-tratos e de abandono de cães e gatos”.

Buscando evitar o sofrimento a que estes animais estão expostos na rua, uma das alternativas é seu recolhimento em abrigos, locais de permanência temporária, onde serão assistidos, tendo supridas suas necessidades. Normalmente esses abrigos são mantidos por organizações não governamentais (ONGs) ou protetores independentes (SOUZA, 2020).

Segundo o CRMV (2016), existem três objetivos principais para os abrigos de animais, sendo estes: ser um reduto seguro contando com uma captura seletiva; ser um refúgio temporário para os animais recolhidos, visando que estes sejam realocados em lares definitivos e, por fim, constituir-se em uma sede que seja referência de cuidado, controle e bem-estar para os animais. (CRMV, 2016).

Para que acolham os animais da melhor forma os abrigos devem cumprir alguns requisitos propostos pelo CRMV. Os alojamentos podem ser individuais ou coletivos, contanto que sejam planejado de modo a proporcionar conforto, segurança e proteção às intempéries. Todo animal deve ter sua ficha de registro, onde serão registradas todas as informações pertinentes a ele.

Em casos de admissão, o animal precisa passar por avaliação veterinária e, sempre que necessário, ter tomadas as providências quanto ao seu tratamento. Ainda, é importante que haja uma área onde possa ser feita uma quarentena, na chegada do animal, antes que tenha contato com outros. Por fim, não se pode passar a capacidade limite de lotação de abrigados, considerando para tal medida o espaçoorçamento e pessoal (FNPA, 2010).

Apesar de se buscar uma situação ideal para esses animais, nem sempre isso é o que ocorre. Dessa forma, existe a preocupação de se estabelecer parâmetros para promover o BEA. Diante disso, a Farm Animal Welfare Council¹ (1967) elaborou um documento com os

¹ Farm Animal Welfare Council, era um órgão consultivo independente estabelecido em 1979 e posteriormente,

princípios norteadores das boas práticas definindo as primeiras estratégias para avaliar o bem-estar denominadas “Cinco liberdades”. As cinco liberdades para o BEA são: livre de fome, sede e má nutrição; livre de dor, injúria e doença; livre de desconforto; livre para expressar seu comportamento normal; livre do medo e estresse.

Portanto, para que um abrigo funcione da maneira adequada, é necessário que este tenha as condições adequadas para seu funcionamento e manutenção, procurando trabalhar na direção da promoção do BEA. Entretanto, infelizmente, não é essa a realidade que se observa nos abrigos. Existe superlotação de animais, falta de estrutura física adequada, falta de recursos financeiros para manutenção da alimentação, cuidados de higiene, saúde e falta de pessoal capacitado para lidar com as necessidades dos animais (CAMPBELL, 2020).

2.2 Bem estar do animal em abrigos

A satisfação das necessidades comportamentais, emocionais, físicas, sanitárias e ambientais dependem totalmente da saúde e do bem-estar. Cada animal tem uma variedade de necessidades psicológicas, determinadas por fatores como espécie, genética, personalidade, socialização primária e experiências anteriores. Um dos conceitos mais aceitos sobre bem-estar, proposto por Donald Broom em 1986, é “o estado de um indivíduo em se adaptar ao seu meio”. Expandindo essa definição, a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) afirma que bem-estar animal é como um animal responde às condições em que vive. Um alto grau de bem-estar pode ser notado quando o animal está bem nutrido, saudável, confortável, seguro, capaz de expressar seu comportamento natural, e não está sentindo dor, medo ou angústia. Isso implica em nutrição, sanidade e ambiente adequados, tratamento, veterinários e boas práticas de manejo (GALDIOLI *et al.* 2021).

O conceito de bem estar animal esta condicionada à qualidade de vida que os humanos podem disponibilizar a eles, ou seja, boa condição para se adaptar ao ambiente. Sendo assim, o bem-estar deve conter direta relação com conceitos como: necessidades, liberdades, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e saúde. Perante a relação de bem-estar animal com os locais onde esses animais domésticos podem ficar, deve-se compreender que o foco está na proteção animal (UMEES, 2020).

A garantia do bem-estar aos animais em abrigos está totalmente ligada à capacidade de

em 2011, foi substituído pelo Farm Animal Welfare Committee (FAWC) estabelecido pelo Governo da Grã-Bretanha. Ver (<https://www.gov.uk/government/groups/farm-animal-welfare-committee-fawc>).

planejamento e de organização da gestão e dos funcionários. É muito importante avaliar a capacidade de oferecer cuidados de acordo com os recursos materiais, financeiros e humanos, para assegurar um nível adequado de bem-estar (UMEES, 2020).

Segundo a FNPA (p.2, 2018) “as necessidades básicas do bem estar animal se divide em cinco categorias e que podem ser atingidas das seguintes formas:” Fisiológicas e sensoriais: fornecendo água fresca e uma dieta balanceada que mantenha os animais saudáveis e vigorosos; garantindo a prevenção, rápido diagnóstico e tratamento de doenças, lesões e dor; promovendo exercícios e brincadeiras, além de estímulos sensoriais do tipo químico (odores, feromônios), visual (pessoas e outros animais), auditivo (controle de latidos e barulhos) e tátil (interações com animais e pessoas, carícias, massagens e escovação regular);

Físicas e ambientais: providenciando espaço suficiente e apropriado para definir suas áreas de atividade, por exemplo: para descanso e para dormir confortavelmente, para se abrigar e se esconder ou isolar, para eliminação de fezes/urina etc; garantindo condições adequadas de sol/sombra, temperatura, umidade, ventilação, iluminação, distribuição e acesso a comedouros e bebedouros, boa higienização e desinfecção, quando for necessária;

- Comportamentais: providenciando um ambiente apropriado e companhia de animais de sua própria espécie para expressar sua vida e comportamento natural, por exemplo: definir seu território e delimitar seu espaço (áreas de atividade), construir um ninho, cuidar dos filhotes, fuçar a terra, correr, saltar, brincar, competir, socializar, etc; garantindo um bom nível de atividade e a oportunidade de escolha (preferências) e alternância de seus comportamentos;

- Sociais: proporcionando atividades e companhia de animais e pessoas, garantindo suas preferências por viver isolado, em par ou em grupo; garantindo uma boa socialização aos filhotes de cães (3^a – 12^a semanas de vida) e aos filhotes de gatos (2^a – 8^a semanas de vida); oferecendo oportunidades de interações, modulando os conflitos e brigas, identificando a organização social (hierarquia) dentro dos canis; garantindo a presença de áreas de isolamento e de afastamento para os gatos, reconhecendo o uso do seu espaço;

- Psicológicas e cognitivas: promovendo estimulação ambiental (sensoriais), psicológica e social, incluindo, por exemplo, atividades recreativas e exploratórias, de modo a prevenir o tédio e a frustração, além de outras emoções negativas como o medo (ansiedade), tristeza (depressão), angústia, estresse, etc.; assegurando condições e tratamento que evitem sofrimento mental.

2.3 Promoção à saúde do animal

A Medicina Veterinária desempenha diversas funções na saúde pública humana, tendo uma atuação interdisciplinar voltada para a promoção da saúde humana e animal. As atividades de proteção da saúde animal com enfoque ao combate de zoonoses fazem com que as concepções de saúde e doença da Medicina Veterinária Preventiva sejam as mesmas da Saúde Pública (PFUETZENREITER *et al.* 2004).

Segundo Pfuetzenreiter *et al.* (2004) o profissional de Medicina Veterinária deve ter um nível de formação voltado para resolução de problemas da sociedade. Pfuetzenreiter *et al.* (2008) explicam que as ações praticadas por médicos veterinários que atuam na área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública abrangem conhecimentos que convergem para medidas específicas que visem a proteção, recuperação e manutenção da saúde animal em detrimento da saúde humana, efetuando controle, prevenção e erradicação de doenças principalmente as zoonoses.

A disponibilidade de um veterinário para atendimento público pode exercer influência positiva no controle de zoonoses e na educação da comunidade sobre os cuidados básicos necessários com os animais (MOREIRA *et al.* 2016). Para tal, os médicos veterinários passaram a fazer parte do Núcleo de Apoio à Saúde da família (NASF) por meio da Portaria 2.488 de 21 de outubro de 2011 que, de acordo com Saúde (2011), prevê ações como:

- Avaliação de fatores de risco à saúde, relativos à interação entre os humanos, animais e o meio ambiente;
- Prevenção, controle e diagnóstico situacional de riscos de doenças transmissíveis por animais vertebrados e/ou invertebrados (raiva, leptospirose, brucelose, tuberculose, leishmanioses, dengue, febre amarela, teníase/cisticercose, etc.);
- Educação em saúde com foco na promoção da saúde e na prevenção e controle de doenças de caráter antrozoontótico e demais riscos ambientais;
- Desenvolvimento de ações educativas e de mobilização contínua da comunidade, relativas ao controle das doenças/agravos na área de abrangência;
- Estudos e pesquisas em saúde pública;
- Ações de educação em saúde nas escolas; divulgação nos meios de comunicação e sensibilização às comunidades e sociedade organizada e não organizada;
- Prevenção e controle de doenças transmissíveis por alimentos.

2.4 Avaliação do comportamento do animal

No comportamento animal, é necessário entender como um animal se comporta frente aos humanos e com outros animais da mesma espécie. Segundo Reis (2015), pesquisas apontam que a relação homem-animal, acontece desde a Pré-História, de forma dinâmica, e mutualmente benéfica aos dois, induzida pelo comportamento natural de saúde e do bem-estar dos mesmos. O comportamento do animal se desenvolve por meio de seu instinto, dos hábitos pelo adestramento a que foram sujeitados. São diversas atitudes e reações que eles podem ter, em resposta às diversas situações que surgirem pela frente (MONTEIRO, 2010).

Segundo Monteiro (2010), o cachorro desenvolveu duas formas de comportamento comunicativo, sendo eles: verbal e a não verbal. A comunicação verbal se refere a diversos tipos de sons, como latidos, gemidos, rosnados, uivos etc. Já a comunicação não verbal, corresponde aos seus movimentos e posturas. Por isso, é importante que haja um básico entendimento sobre esses tipos de comunicação para que seja possível um convívio entre a sociedade animal e humana.

Os latidos variam entre macho e fêmea, onde possuem volume, tonalidade, duração, número de repetições e frequências diferentes. Podem acontecer quando estão pedindo algo, quando defendem seu território, por sinal de alarme, ou até mesmo, por solidão onde são caracterizados uivos. Já os rosnados, sempre caracterizam advertência, aparecendo como forma de mostrar que está intolerante, inseguro e algumas vezes, ataque. Os choros e gemidos, significam sustos, dor ou preocupação (PAIVA, 2014).

Sobre os sinais corporais ou não verbais, estão presentes os lambidos (quando estão com dor ou ferimento em algum local, estresse ou tédio); olhares fixos de desafio, de desconfiança ou sonolência e desinteresse (PAIVA, 2014); o movimento da cauda que “pode expressar curiosidade e interesse em algo, sendo que os movimentos suaves indicam tranquilidade, com a cauda rígida demonstram que estão nervosos e com a cauda encolhida entre as patas representa medo e timidez.” Por estes motivos acima, que para se comunicar com os animais, é necessário perceber, entender e aprender sua linguagem ao invés de esperar que eles aprendam a nossa. (SILVEIRA, 2015).

O estresse também é um fator que influencia diretamente no comportamento do animal, os cães tendem a sofrerem diferentes níveis de ansiedade se o ambiente em que vivem não for bem controlado. Alguns indivíduos são mais capazes de partilhar do que outros, portanto, a solução pode ser oferecer oportunidades e benefícios igualmente a todos, gerando uma boa socialização e tendo um ambiente harmonioso entre os cães e os humanos (MILLER, 2011).

2.5 Enriquecimento ambiental e socialização em abrigos

O enriquecimento está ligado ao processo de introduzir melhorias no ambiente e nos cuidados de animais confinados dentro do contexto de suas necessidades comportamentais. A finalidade do enriquecimento é reduzir o estresse e melhorar o bem-estar, fornecendo estimulação física e mental, incentivando os comportamentos típicos da espécie e fazendo com que os animais tenham maior controle sobre o seu ambiente (NEWBURY *et al.* 2018).

Os programas bem sucedidos de enriquecimento evitam o desenvolvimento e a manifestação do comportamento anormais, além de proporcionar o bem-estar psicológico dos animais. O enriquecimento deve receber a mesma importância que outros tipos de cuidados prestados aos animais, como nutrição e assistência veterinária (NEWBURY *et al.* 2018).

Para Galdioli *et al.* (2021) o enriquecimento ambiental se divide entre suas cinco principais técnicas, sendo elas: enriquecimento físico, relacionado à estrutura em que o animal vive; enriquecimento sensorial, estímulos dos cinco sentidos dos objetos; enriquecimento cognitivo, estimulando a capacidade intelectual; enriquecimento social, interação dentro do ambiente que vive; e enriquecimento alimentar, estimulando a procura dos alimentos.

Para realizar o enriquecimento ambiental, os animais devem ter, pelo menos, um contato social regular, estímulo mental e atividades físicas. A interação diária com as pessoas, de forma positiva, também é um poderoso enriquecimento ambiental, diminuindo o estresse. Os animais devem receber ou ter contato humano fora das atividades de limpeza e alimentação, já que nesses momentos não se considera o enriquecimento ambiental (GALDIOLI *et al.* 2021).

Pode ser usado como enriquecimento ambiental, com baixo custo e grande incremento no bem-estar animal, um projeto de fornecimento de brinquedos caseiros, formas alternativas de alimentação, por exemplo, inserindo a ração dentro de uma garrafa com furos para o animal passe mais tempo entretido e com desafio mental; isso pode ser orientado pelo responsável técnico e desenvolvido por voluntários ou em parcerias com faculdades que oferecem o curso de Medicina Veterinária. Lembrando que não é recomendado o uso de brinquedos em canis coletivos, devido a possibilidade de brigas (SOUZA, 2016).

Também deve ser proporcionado um enriquecimento para os animais em próprios recintos através de oportunidades para a realização de atividades lúdicas. O enriquecimento alimentar é outra fonte importante de estimulação e pode ser facilmente obtido escondendo-se o alimento em quebra-cabeças disponíveis do mercado, caixas de papelão ou itens semelhantes com furos que estimulam o animal a se esforçar para extrair croquetes de dentro. Também foi demonstrado que o enriquecimento alimentar aumenta o nível de atividade e diminui o

comportamento de latidos (NEWBURY *et al.* 2018).

Outras formas de estímulos mentais e sensoriais são meios importantes de proporcionar enriquecimento. Por exemplo, os gatos se beneficiam do fornecimento de postes para arranhar, já os cães se beneficiam da provisão de itens para mastigar e também podem se beneficiar de música clássica com ajuste de volume ou certos aromas. Os animais também pode se beneficiar de estímulos visuais e de capacidade de observar seus arredores (NEWBURY *et al.* 2018).

O enriquecimento ambiental é um processo de mudanças e implantações de práticas de manejo com estratégias temporais, físicas, e sensoriais, visando oferecer estímulos que possam aumentar o conforto e a capacidade de adaptação do animal, tanto fisiológica quanto psicológica, em condições similares às que ele encontraria na natureza. O objetivo é reduzir o estresse e ampliar o nível de bem-estar promovendo estímulo físico e mental, encorajando os comportamentos normais da espécie e permitindo ao animal ter mais controle sobre o seu meio, mesmo estando em ambiente artificial. O enriquecimento ambiental é tão importante quanto os cuidados de saúde, nutrição e cuidados veterinários, e não deve ser considerado opcional (GALDIOLI *et al.* 2021).

2.6 Adoção de animais em abrigos

Uma das maneiras de reduzir o aumento de animais abandonados seria adoção, pois além de tirar o animal da rua, ainda tira da zona de risco de zoonoses e outras doenças e dá a chance ao animal de ter uma qualidade de vida (UNESP, 2015).

Segundo Oliveira *et al.* (2016) a adoção não muda apenas a vida do animal adotado, mas também promove mudanças na rotina e vida do novo tutor, pois o animal adotado exige cuidado e responsabilidade, como atenção veterinária, tempo, paciência, companheirismo.

Para adotar um animal de abrigo, espera-se que os funcionários e voluntários do local possam reconhecer previamente o comportamento de cada animal e informar ao adotante suas particularidades (GALDIOLI *et al.*, 2021).

Cada animal tem suas características psicológicas e mentais definidas por suas experiências. O comportamento de cada animal irá definir a correspondência às expectativas do futuro adotante, por isso é importante reconhecer se o animal é brincalhão, preguiçoso, medroso e se possui algum trauma anterior. Existem protocolos que auxiliam no reconhecimento das características de cada animal para que suas qualidades sejam compatíveis com as expectativas do tutor (GALDIOLI *et al.*, 2021).

É dever do adotante respeitar os limites de cada animal e estar sempre atento a sinais

que alertem para um desconforto e potencial risco de agressão. Em cães e gatos, esses sinais abrangem: rosnar, eriçar os pelos, orelhas baixas e para trás, pupilas dilatadas e olhar focado em apenas uma pessoa ou animal. Um animal em seu estado normal e saudável deve brincar, se exercitar, explorar o ambiente e interagir de forma positiva com outros animais e/ou humanos que convive (GALDIOLI *et al.*, 2021).

Também é preciso ter paciência e compreensão com um animal recém adotado, principalmente os adultos, que foram socializados em outros ambientes e situações. É de extrema importância que orientações de guarda responsável sejam repassadas aos adotantes, destacando que cada espécie possui necessidades comportamentais específicas e que o ambiente e rotina precisam ser adequados para ofertar essas necessidades (GALDIOLI *et al.*, 2021).

Diversas vezes os animais resgatados pelas ONGs são provenientes de lares conturbados, onde sofriam maus-tratos, ou vivenciaram o abandono e precisaram sobreviver nas ruas por algum tempo. Além disso, o animal pode demorar para se adaptar à mudança de ambiente de um abrigo transitório para um lar definitivo. Um bom tutor deve compreender, e acima de tudo, respeitar o tempo de adaptação do animal adotado (GALDIOLI *et al.*, 2021).

A guarda responsável é a maneira mais eficiente e duradoura de se combater o abandono de animais nas ruas e os problemas relacionados à presença dos mesmos. A parceria com entidades vinculadas aos direitos dos animais é positiva para promover a adoção dos animais abrigados. Um programa de voluntários pode ser implantado, para que estes auxiliem em tarefas importantes para o sucesso da adoção, como banhar e transportar os animais. Além disso, os voluntários acabam interagindo de forma positiva com os animais, o que facilita a adaptação do animal com a nova família quando houver adoção. A realização de feiras de adoção é uma maneira muito eficiente de aumentar a taxa de animais adotados. Ainda, é possível sugerir a divulgação dos animais para adoção por meios digitais ou impressos (CRMV, 2016).

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho foi de cunho quali-quantitativo, ou seja, buscou-se apresentar tanto aspectos qualitativos como dados quantitativos. Por meio de uma pesquisa de campo, foram reunidas as informações, dados necessários e fez-se uma análise do conteúdo encontrado para tentar responder a problemática apresentada neste.

A finalidade desse estudo foi verificar as atuais condições dos abrigos e constatar qual nível de BEA conseguem oferecer aos animais assistidos. Em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática construindo o referencial teórico que embasou o trabalho. Em seguida, foi efetuado o levantamento do número de abrigos em atividade na cidade de Uberlândia e sua localização, por conseguinte, tendo conhecimento dessas informações, entrou-se em contato com cada um deles e procedeu-se as visitas. Essas informações foram conseguidas através de contato com o senhor Amado Júnior, Diretor Zoológico, autor e coordenador dos projetos proteção e bem estar animal da PMU, pois não existem publicações oficiais ou extra-oficiais sobre os abrigos de Uberlândia. Durante as visitas a essas instituições realizamos a observação e coleta de dados². Após essa etapa, os dados foram submetidos a interpretação para chegar aos resultados, de acordo com a fundamentação teórica adotada.

Foi realizada uma visita técnica a cada instituição, com caráter de observação da realidade estrutural, tal qual o estado geral dos animais. Durante as visitas foram registrados em um diário de bordo, os seguintes aspectos: dados referentes ao total de abrigados, composição da equipe, infraestrutura, suficiência de recursos materiais, condição física e comportamental, enriquecimento ambiental, vacinação, controle de ecto e endoparasitos.

Em cada abrigo, foram registradas as seguintes informações: espécies abrigadas, total de animais no momento (cães e gatos), quantos animais eram resgatados mensalmente, quantos animais eram doados mensalmente, dados de vacina e vermifugação, dados sobre a esterilização cirúrgica, dados sobre a limpeza do ambiente e ainda dados sobre avaliação comportamental dos animais e enriquecimento ambiental.

Posteriormente às visitas, executou-se a tabulação dos dados e posterior avaliação por meio da estatística descritiva dos dados numéricos.

3.1 Resultados

² Para coleta de dados foi utilizado o Formulário 1 disponível na seção Anexo.

Em relação aos abrigos de Uberlândia não foi possível encontrar dados oficiais sobre o número em funcionamento e nem sobre as condições que estes atuam. Contudo, entende-se que, devido ao número de animais em situação de rua, estes são de extrema importância. Verifica-se, pois, a importância de se realizar estudos para saber a realidade desses abrigos.

Participaram da pesquisa oito abrigos da cidade de Uberlândia – MG. Tentou-se contato com doze abrigos, mas somente oito concordaram em participar. Os dados encontrados foram tabulados conforme blocos e suas respectivas tabelas abaixo.

Bloco 1 - Identificação dos Animais e Recepção

Do total dos 8 abrigos participantes, 5 deles (62,5%) abrigam ambas espécies canina e felina. Em relação ao número total de cães, 5 abrigos (62,5%) possuíam até 50 cães. Apenas 1 um abrigo possuía acima de 100 cães (12,5%) do total e somente 1 não recebia cães.

Do total de felinos, 4 abrigos (50%) possuíam até 50 gatos, 2 abrigos (25%) possuíam na ocasião entre 50 e 100 gatos e 2 dos visitados não abrigavam gatos (Tabela 1).

Da admissão de cães, 1 abrigo, (12,5%) recebia até 10 cachorros mensalmente e 2 abrigos representando 25% admitiam acima de 10 cães por mês. Sobre a admissão de felinos, 2 com (25%) recebiam até 10 gatos e apenas 1 (12,5%) recebiam acima de 10 gatos (Tabela 1).

Apenas 2 abrigos (25%) possuíam ficha de registro de todos animais, os outros 6 abrigos (75%) não possuíam nenhum tipo de cadastro. A média de adoção em 3 abrigos (37,5%) era de 10 animais mensalmente. A maior parte dos abrigos não fazia parte de nenhuma ação ou eventos de adoção (Tabela 1).

Tabela 1: Descrição das espécies abrigadas e admitidas pelos abrigos participantes

	n	%
Quais espécies são abrigadas?		
Canina	2	25%
Felina	1	12,5%
Ambas	5	62,5%
Total de cães (incluindo filhotes) no momento da pesquisa?		
Até 50	5	62,5%
Entre 50 e 100	1	12,5%
Acima de 100	1	12,5%
Não recebe cães	1	12,5%
Total de gatos (incluindo filhotes) no momento da pesquisa?		
Até 50	4	50%
Entre 50 e 100	2	25%
Acima de 100	0	-
Não recebe gatos	2	25%
Quantos cães admite (recebe) mensalmente?		
Até 10 cães	1	12,5%
Acima de 10 cães	2	25%
Não sei	2	25%
Não admite mais cães	2	25%
Não possui cães	1	12,5%
Quantos gatos admite (recebe) mensalmente?		
Até 10 gatos	2	25%
Acima de 10 gatos	1	12,5%
Não sei	2	25%
Não admite mais gatos	1	12,5%
Não possui gatos	2	25%
Os animais do abrigo possuem ficha de registro?		
Sim	2	25%
Não	6	75%
Quantos animais (em média) são doados mensalmente?		
Até 10 animais	3	37,5%
Acima de 10 animais	1	12,5%
Não realiza/participa de eventos de adoção	4	50%

Fonte: Autora (2022)

Bloco 2 - Manejos preventivos

Sobre a vacinação dos cães em abrigos, 33,33% responderam que só vacinavam quando recebiam doação de vacinas ou nas campanhas de vacinação realizadas pela prefeitura do município e 33,34% afirmaram vacinar os cães em momentos variáveis durante a estadia no abrigo. Referente aos gatos 25% vacinavam quando recebia doação, sem protocolo específico e 25% em momentos variáveis durante a estadia no abrigo (Tabela 2).

Referente ao protocolo de vacina 36,37% apenas aplicavam 1 dose das vacinas, 27,27% apenas vacinavam animais saudáveis, 27,27% aplicavam 3 a 4 doses em filhotes com intervalos de 3 a 4 semanas e adultos recebiam um reforço anual e 9,09% afirmaram não vacinar os animais (tabela 2).

Referente à vermiguação, 37,5% dos responsáveis pelos abrigos afirmavam aplicar na admissão e periodicamente, 25% apenas periodicamente, 25% somente na admissão e 12,5% não aplicavam vermífugos. Seguindo com o controle de ectoparasitas (pulgas/carrapatos), 25% sempre administravam a medicação na admissão, 25% administrava as vezes, os outros 25% as vezes faziam combate no próprio ambiente e 25% disseram não administrar nenhum tipo de medicação.

Sobre a castração durante a estadia nos abrigos, foi dito que 62,5% dos abrigos castram apenas alguns animais e 37,5% dos abrigos castram todos os animais (Tabela 2).

Um total de 62,5% mantêm a limpeza dos abrigos com retirada de sólidos, água, detergente e desinfetante separadamente, 25% com apenas detergente e água e 12,5% não realizavam nenhum tipo de limpeza, o que se torna algo preocupante.

A avaliação comportamental foi feita através da observação dos animais, com o ambiente, com se comportavam diante das pessoas, e se eram agressivos e conseguiam se misturar com os demais. Nos abrigos visitados percebemos um baixo índice de avaliação comportamental, assim apenas 25% se preocupam com estas questões, o restante ou não fazem, ou não sabem do que se trata (Tabela 2).

Tabela 2: Perfil dos abrigos quanto aos manejos preventivos relacionados à vacinação, vermifugação e limpeza

	n	%
Os cães são vacinados no abrigo?*		
Sim, na admissão/entrada	1	11,11%
Sim, quando recebe doação de vacinas ou nas campanhas de vacinação da Prefeitura	3	33,33%
Sim, em momentos variáveis durante a estadia no abrigo	3	33,34%
Não são vacinados	1	11,11%
Não há cães no abrigo	1	11,11%
Os gatos são vacinados no abrigo?*		
Sim, na admissão/entrada	1	12,5%
Sim, quando recebe doação, sem protocolo específico	2	25%
Sim, em momentos variáveis durante a estadia no abrigo	2	25%
Não são vacinados	1	12,5%
Não há gatos no abrigo	2	25%
Se vacina, qual protocolo é realizado?*		
Sim, somente animais saudáveis	3	27,27%
Sim, 3 a 4 doses em filhotes (intervalos de 3 a 4 semanas) e adultos reforço Anual	3	27,27%
Sim, apenas 1 dose	4	36,37%
Não vacina os animais	1	9,09%
Os animais são vermifugados no abrigo?		
Sim, na admissão/entrada e periodicamente	3	37,5%
Sim, periodicamente	2	25%
Somente na admissão/entrada	2	25%
Não	1	12,5%
Como realiza controle de ectoparasitas (pulgas/carrapatos)*		
Sempre na admissão/entrada é administrado a medicação nos animais	4	25%
As vezes administra medicação nos animais	4	25%
As vezes combate no ambiente	4	25%
Não combate no ambiente	4	25%
Os animais são submetidos a esterilização cirúrgica (castração) durante a permanência no abrigo?		
Sempre	3	37,5%
Alguns sim	5	62,5%
Não	0	-
O abrigo realiza protocolo de limpeza?		
Sim, a limpeza: retira sólidos, água, detergente e desinfetante separadamente	4	50%
Sim, a limpeza: retira sólidos, água, detergente e desinfetante misturados	1	12,5%
Sim, limpeza com água e detergente	2	25%
Não	1	12,5%
O abrigo realiza avaliação comportamental dos animais?		
Sim	2	25%
Não	3	37,5%
Não sabe	3	37,5%

*Nota: Pode haver mais de uma opção de resposta por abrigo. Fonte: Autora (2022)

Bloco 3 - Mantenedora dos abrigos

A parte financeira dos abrigos é de suma importância, 35,30% dos entrevistados afirmaram que se mantem através da realização de eventos: rifas, bazar, bingo, pizza, galinhada, etc. 35,29% através de doações via internet, simpatizantes da causa animal e grupo de amigos. Apenas 11,76% dos abrigos se mantêm através de recursos públicos (Ministério Público, Prefeitura Municipal) e 17,65% usavam recursos próprios como salários e aposentadoria. 62,5% dos abrigos eram cuidados por apenas uma pessoa sozinha sem ajuda de outras pessoas. (Tabela 3).

A assistência veterinária em 33,33% dos abrigos eram feitas pela UFU, em 33,33% através de clínicas veterinárias particulares parceiras e em 13,34% dos abrigos recebiam atendimento a domicílio.

Sobre a alocação de animais, em 43,75% dos abrigos, possuíam animais soltos e confinados, em 31,25% possuem canil/gatil coletivo e apenas 18,75% dos locais possuíam canil/gatil individual. (Tabela 3)

Sobre a alimentação dos animais, em 62,75% dos abrigos eram feitos através de ração seca exclusivamente e no restante de 37,5% alimentavam de ração e também comida. 87,5% dos abrigos possuíam animais confinados de acordo com a espécie e 75% possuíam local de confinamento/quarentena caso fosse necessário (Tabela 3).

Os animais em 50% dos abrigos possuíam momento de soltura 1 a 2 vezes ao dia, contribuindo com enriquecimento ambiental.

Já sobre os eventos de adoção, 50% dos responsáveis pelos abrigos afirmaram participar, e 50% não. A adoção é de suma importância, pois é preciso ver os abrigos como um local temporário, em que os animais aguardam para encontrar uma família, dando lugar a outros animais que também precisam de ajuda.

Tabela 3: Sobre como se manter um abrigo. Financeiro/Assistência e espaço

	n	%
Como o abrigo se mantém financeiramente? *		
Realização de eventos: rifas, bazar, bingo, pizzas, galinhada, etc.	6	35,30%
Doações via internet, simpatizantes da causa animal, grupo de amigos	6	35,29%
Recursos Públicos (MP, Prefeitura)	2	11,76%
Recurso Próprio (salário, aposentadoria)	3	17,65%
Quem cuida do abrigo?*		
Cuido sozinho (a)	5	62,5%
Possui funcionário (s)	2	25%
Possui voluntário (s)	1	12,5%
Quando precisa de assistência veterinária, como procede? *		
Possui médico veterinário contratado	3	20%
Leva o animal no hospital veterinário da UFU	5	33,33%
Leva o animal em clínica veterinária particular parceira	5	33,33%
Contrata veterinário que atende a domicílio	2	13,34%
Como os animais são alocados no abrigo? *		
Possui canil/gatil individual	3	18,75%
Possui canil/gatil coletivo	5	31,25%
Todos soltos pela casa/terreno/chácara	1	6,25%
Alguns animais soltos outros confinados	7	43,75%
Os animais são alimentados?		
Ração seca exclusivamente	5	62,5%
Somente comida	0	-
As ração, as vezes comida	3	- 37,5%
Os animais confinados tem espaço adequado de acordo com a espécie?		
Sim	7	87,5%
Não	1	12,5%
O abrigo possui local de isolamento/quarentena?		
Sim	6	75%
Não	2	25%
Os animais confinados tem momentos de soltura?		
Sim, 1 a 2 vezes ao dia	4	50%
Sim, 2 a 4 vezes por semana	2	25%
Não saem do confinamento	2	25%
Quais medidas adota para enriquecimento ambiental? *		
Brinquedos caseiros (garrafas pet, caixas de papelão, etc)	6	37,5%
Bolinhas	4	25%
Pelúcias	2	12,5%
Adestramento ou interação humano diferente do tratador	1	6,25%
Passeios	1	6,25%
Ossos (de suíno ou bezerro) ou petiscos	2	12,5%
Realiza ou participa de eventos de adoção?		
Sim	4	50%
Não	4	50%

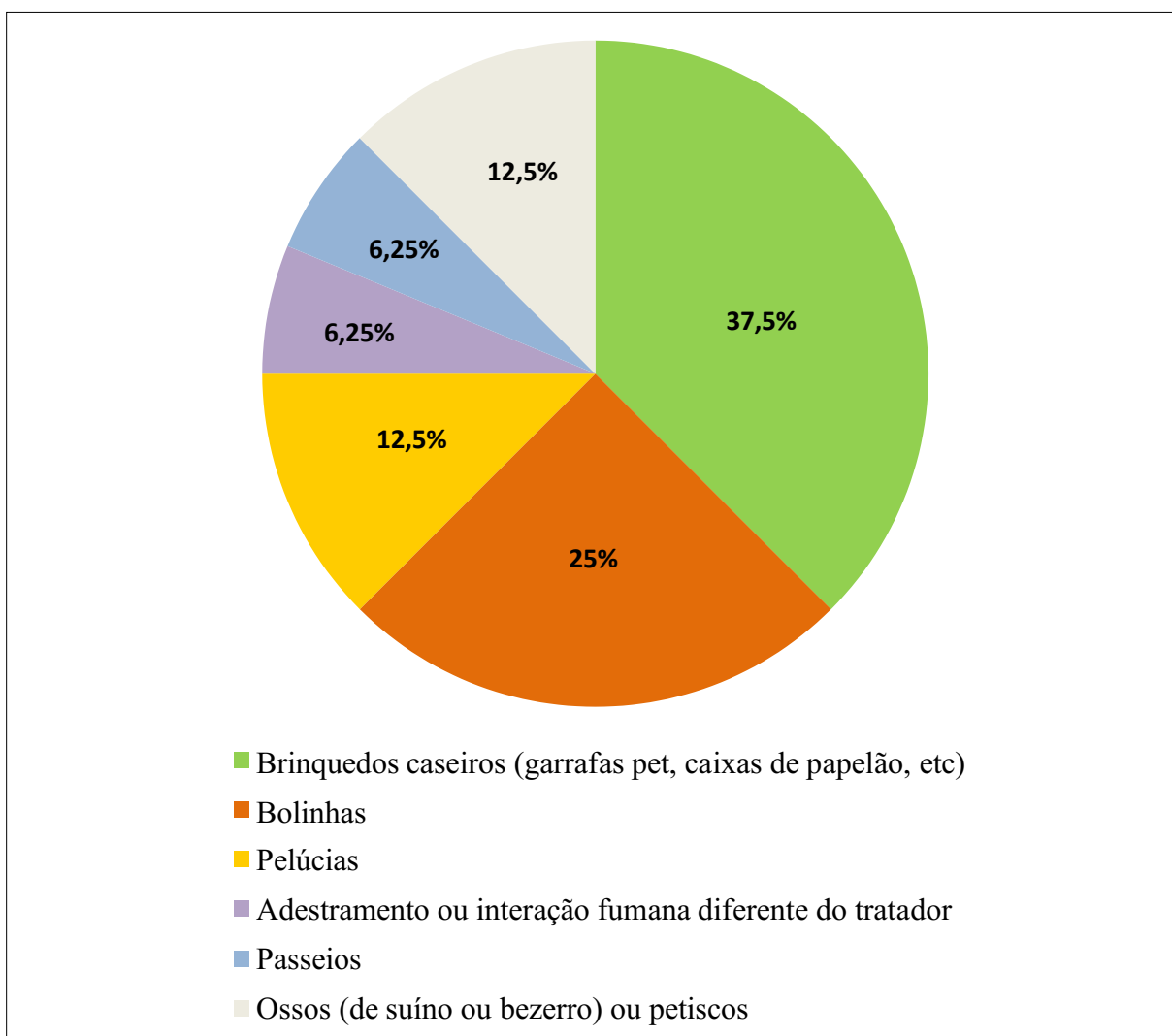
*Nota: Pode haver mais de uma opção de resposta por abrigo.Fonte: Autora (2022)

Bloco 4 - Enriquecimento ambiental

A finalidade do enriquecimento ambiental é reduzir o estresse e melhorar o bem-estar, fornecendo estimulação física e mental, incentivando os comportamento típicos da espécie e fazendo com que os animais tenham maior controle sobre o seu ambiente. O enriquecimento deve receber a mesma importância que os outros tipos de cuidados prestados aos animais. (GALDIOLI et al., 2021).

De acordo com os abrigos visitados verificou-se-se que 37,5% deles usavam como enriquecimento ambiental, brinquedos caseiros como garrafas pet, caixas de papelão, etc. 25% faziam uso de bolinhas para entreter os animais, 12,5% dos abrigos usavam de brinquedos de pelúcias e 12,5% de ossos de suíno ou bezerro e petiscos (figura 1).

Figura 1: Medidas de enriquecimento ambiental adotadas



Fonte: Autora (2022)

3.2 Discussão

Os abrigos que possuem registro na cidade atualmente são 12, porém apenas 8 deles concordaram em participar desta pesquisa. Estima-se que na cidade de Uberlândia-MG existam aproximadamente 80 protetores independentes (sem registro) que abrigam em suas casas, ranchos ou até mesmo que alimentam diariamente vários animais em praças, assentamentos e regiões carentes onde os abandonados se concentram. Essa informação foi compartilhada por Amado Júnior, Diretor Zoológico, autor e coordenador dos projetos proteção e bem estar animal da PMU, por meio de contato telefonico. Não existe registro dessa informação em fontes oficiais ou em outro tipo de fonte a que tivemos acesso.

Ao questionar os responsáveis sobre qual critério usam para admissão, nota-se uma certa dificuldade em formular resposta, pois vários animais são abandonados na porta dos abrigos, sempre alguém consegue o contato destes protetores pedindo ajuda pra algum caso crítico, fraturas expostas, risco de morte, fêmeas recém paridas em buracos ou prestes a parir, são inúmeras situações que não se pode ignorar.

O estudo possibilitou entender a dinâmica dos abrigos, e fica claro que estes admitem muito mais animais do que os disponibilizam para adoção. A justificativa de alguns se dá pelo estado crítico em que muitos são resgatados nas ruas em consequência da irresponsabilidade humana, então os responsáveis por abrigar e cuidar se apegam e temem que estes animais possam novamente ser abandonados ou maltratados. Tal situação evidencia a falta de compreensão que cada abrigo deve ser um lar transitório, uma casa de passagem e não um lar definitivo para estes animais.

Quanto às práticas preventivas, a maioria dos responsáveis pelos abrigos entendem a importância da vacinação, porém aqueles que não realizam protocolo vacinal adequado informam que tem dificuldades financeiras para adquirir as vacinas, principalmente para felinos que são importadas e portanto mais caras, além de ser necessário pagar um profissional para ir até o abrigo realizar este procedimento.

Sendo assim, acabam contando com as campanhas públicas de vacinação antirrábica, e quando recebem doações realizam a vacinação polivalente. Sobre a vermifugação, alguns não sabiam que a medicação para ectoparasitas é diferente da medicação para combater endoparasitas, além de não saber a periodicidade correta para administração dos mesmos.

Quanto à importância de realizar a esterilização cirúrgica e todos os benefícios que este procedimento traz aos animais, a maioria dos entrevistados tem ciência, porém afirma que são poucas vagas disponibilizadas pelo Centro de Controle de Zoonoses (cerca de 1 a 2 por mês)

no projeto de castração do Hospital Veterinário da UFU, sendo insuficiente para a quantidade de animais resgatados e inviável esperar tanto tempo, pois algumas cadelas são capturadas justamente por estarem no cio sendo perseguidas por vários machos, que encurralam e atacam a fêmea, impedindo de se alimentar para que, exausta, ela permita cruzar. Uma alternativa é pedir doações em dinheiro pelas redes sociais em caráter emergencial para realizar a castração em projetos populares. Outro desafio apontado é como transportar estes animais até os locais de castração, pois alguns não dispõem de veículo próprio, nem tem condições financeiras de pagar por um táxi-dog, apelando muitas vezes para carona solidária. Se queixam do castramóvel adquirido pela prefeitura que não cumpre seu propósito, permanecendo há mais de anos parado no Parque de Exposições Camaru.

As acomodações foram avaliadas e medidas e apenas um dos abrigos não possui espaço adequado por animal (1m² por felino e 2-2,5m² por canino) e nem incide luz solar em algum momento do dia. As instituições que recebem recursos financeiros do poder público são as que possuem melhor estrutura e organização, podendo contar com veterinários contratados, funcionários e voluntários, devido à maior visibilidade nas mídias e conseqüentemente recebem doações e dispõem de voluntários. Os demais abrigos são mantidos com renda própria do protetor, doações da população, realização de eventos, e por cuidarem na maioria sozinhos, impossibilita uma maior interação com os animais e algumas medidas de enriquecimento ambiental não são aplicadas.

Portanto, se faz necessária a implantação de políticas públicas efetivas, como campanhas de esterilização cirúrgica em massa, educação da população em relação à adoção responsável e prevenção do abandono além do apoio financeiro por parte do poder público municipal aos abrigos, além de iniciativas que contemplem a capacitação e atenção aos protetores, que enfrentam grandes desafios para manter seus animais fisicamente e psicologicamente saudáveis e alocados adequadamente.

5 CONCLUSÃO

Os objetivos desse estudo foi conhecer e avaliar os abrigos existentes em Uberlândia, buscando verificar as taxas de: admissão, adoção, tempo médio de reabilitação e castração, o investimento em medicina preventiva. Também procuramos identificar estratégias de captação de recursos, voluntariado, parcerias, capacitação e marketing para manutenção dos abrigos.

Assim, foi possível observar de perto o funcionamento dos abrigos na prática. Falamos diretamente com os responsáveis, ouvimos seus anseios e necessidades e pudemos apontar os pontos que podem ser melhorados, contribuindo diretamente para a sanidade do abrigo e o bem estar dos animais. Também foi disponibilizado para todos os responsáveis participantes desta pesquisa, um arquivo digital do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal (FNPA) sobre bem estar em abrigos de cães e gatos.

As visitas evidenciaram o quanto alguns protetores ainda se mostram resistentes em direcionar os animais reabilitados e sadios para adoção, não participando dos eventos ou deixando de divulgar animais aptos, o que resulta no acúmulo de animais no abrigo, tirando assim a oportunidade de outro animal que esteja doente nas ruas seja resgatado. Deve-se refletir também sobre o resgatado que foi reabilitado perder a chance de ter uma família que o acolha definitivamente em seu próprio lar, onde este animal poderá expressar seu comportamento natural de proteção, vigília, brincadeiras, atenção e cuidados exclusivos, presença e interação humana mais constantes do que se recebe em abrigos.

Vale ressaltar que o enriquecimento ambiental é fundamental nos abrigos, devendo ser considerado indispensável para saúde física e mental dos animais, proporcionando bem estar e melhor convívio entre os animais abrigados. Este estudo fornece um ponto de partida para reavaliar as estratégias existentes para melhorar a eficiência das práticas realizadas com os animais abandonados e que estejam alocados em abrigos.

O abrigo precisa ser visto como uma casa de passagem, onde o animal se recupera e é encaminhado para adoção, e cabe ao protetor se trabalhar em relação ao desapego pelo resgatado, e dar um voto de confiança aos interessados em adotar, fazendo uso de termos de adoção, visitas e acompanhamento no período de adaptação do animal no novo lar. Poderia ser mais fácil com ajuda profissional, se o poder público direcionasse atenção e recursos não só aos animais abandonados, que já é insuficiente, mas também contemplar as pessoas que se dispõem a resgatar e cuidar, pois eles estão fazendo muitas vezes com pouco ou nenhum recurso, o papel que é dever do próprio poder público.

Diante do número assustador de animais em situação de rua na cidade de Uberlândia-

MG, fica evidente a urgência de políticas públicas que disponibilizem equipes multidisciplinares para visitar os abrigos, prestando apoio psicológico, assistência social, assistência veterinária e suprimentos, além de ações efetivas voltadas para educação da sociedade, apuração de denúncias, fiscalização e cumprimento da lei nos casos comprovados de maus tratos e abandono, bem como dar o devido suporte as ONGs e protetores independentes.

Espera-se que este estudo incentive novos trabalhos com objetivo de acompanhar as atividades e práticas realizadas em instituições de recolhimento e adoção de animais, dada a necessidade de manejo e conhecimento dos animais que entram e saem dos abrigos em questão.

REFERÊNCIAS

Adotar é um ato de amor e responsabilidade. **Repórter UNESP**, 10 de setembro de 2015. Disponível em: <https://reporterunesp.faac.unesp.br/2015/09/10/adotar-e-um-ato-de-amor-e-responsabilidade/>. Acesso em: 28 jul 2022.

AGÊNCIA BRASIL. **Dezembro Verde alerta sobre maus-tratos e abandono de animais**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/dezembro-verde-alerta-sobre-maus-tratos-e-abandono-de-animais>. Acesso em 15 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria MS/GM nº 2.488, de 21 de outubro de 2011**. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1, p.48-55, 24 out. 2011. 2011a. Disponível em: <http://www.corengo.org.br/attachments/article/374/PORTARIA%20MS_GM%20N%C2%BA%202.488,%20DE%2021%20DE%20OUTUBRO%20DE%202011.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2013.

BRASIL. **Lei nº. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Diário Oficial da União, Brasília, 13. Fev. 1998, Seção 1, p. 1.

BAPTISTA, R. I. A. A. *et al.* Construção e uso de instrumentos de enriquecimento ambiental com materiais recicláveis em abrigo de gatos domésticos. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 74-75, 2017.

BISPO, D. *et al.* Do fato social ao problema político: Análise da percepção de protetores e atores públicos sobre os animais de rua em três municípios do Rio Grande do Norte. **Gestão Pública: Práticas e Desafios**, v. 8, p. 1-22, 2017.. Issn: 2177-1243. 2017.

CAMPBELL, C. ‘They are overwhelmed.’ China’s animal shelters can’t cope with the number of pets abandoned due to COVID-19. Time [online], USA, 2 Mar. 2020. Disponível em: <https://time.com/5793363/china-coronavirus-covid19-abandoned-pets-wuhan/>. Acesso em: 30 jul 2022.

CRMV-PR. Guia Técnico para Construção e Manutenção de Abrigos e Canis. 2016 , 35p.

FÓRUM NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA ANIMAL. **Bem estar animal em abrigos de cães e gatos**. Disponível em: <<http://www.agrarias.ufpr.br/portal/mvc/wp-content/uploads/sites/32/2018/07/Bem-Estar-em-Abrigos-FNPA.pdf>>. Acesso em: 27 jul 2022

GALDIOLI, L. **Guia introdutório de bem-estar e comportamento de cães e gatos para gestores e funcionários de abrigos**. Curitiba, PR: MVC, 2021

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001. 101 p.

MERLIN, B. Abrigo recebe cães e gatos com poucas chances de adoção em Uberlândia. **Diário de Uberlândia**, 2020. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/27350/abrigo-recebe-caes-e-gatos-com-poucas-chances-de-adocao-em-uberlandia> Acesso em: 15 abr 2021.

MILLER, P. **Dominance Isnt Usually the Problem**. 2011. Disponível em:

https://www.animalfarmfoundation.org/files/Dominance_-_Not_Usually_the_Problem.pdf
Acesso em: 28 jul 2020.

MINAS. Lei nº 21.970, de 15 de janeiro de 2016. Dispõe sobre a proteção, a identificação e o controle populacional de cães e gatos. Disponível em: Acesso em: 10 de dez de 2019.

MONTEIRO, J. A. P. Habitos e comportamentos do cão. **O Cão**. nº 13, 20-26, 2010. Disponível em: <http://www.apcse.com.pt/images/stories/jornal/jornal13/jornal%2013%20-4.pdf>. Acesso em: 27 jul 2022

MOREIRA, H. F.; BASTOS, A. L. Diagnóstico de políticas de controle populacional de cães e gatos em Minas Gerais. **EFDeportes.com. Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 20, Nº 214, Março de 2016. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 20 jul 2022.

MORETTO, V. M. S.; LIMA, M. O.; VARGAS, A. P.; NOVAIS, A. A. Medicina Veterinária do coletivo: uma nova especialidade. **Scientific Electronic Archives**, v. 9, n. 5, nov. 2016.

NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA ANIMAL. **Bem-estar animal em abrigos de cães e gatos**, 2010. Disponível em: <http://www.agrarias.ufpr.br> Acesso em: 09 jul 2020.

NEWBURY *et al.* **Diretrizes sobre os padrões de cuidados em abrigos de animais**. Diretrizes sobre os padrões de cuidados em abrigos de animais; [tradução Fabiana Buassaly Leistner]. – 1 ed. – São Paulo: PremieRpet® 2018

OLIVEIRA, A. *et al.* G. Índice estatístico de animais domésticos resgatados da rua vs adoção. **Revista Dimensão Acadêmica**, v. 1, n. 2, p. 5–18, 2016.

PAIVA. M. **Guia de entendimento dos sinais corporais e verbais do seu cao panheiro**. 2014. Disponível em: <http://www.30tododia.com.br/blogs/cao panheiro labra/paiva/guia-de-entendimento-dos-sinais-corporais-e-verbais-seu-cao panheiro/> Acesso em: 28 jul 2022

PFUETZENREITER, M. R.; ZYLBERSZTAJN, A.; AVILA-PIRES, F. D. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. **Revista Ciência Rural**, Santa Maria, v.34, n.5, p.1661-1668, set-out, 2004.

PFUETZENREITER, M. R.; ZYLBERSZTAJN, A. Percepções de estudantes, professores e médicos veterinários sobre o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. **Revista de Ciências Agroveterinárias**. Lages, v.7, n.1, p. 75-84, 2008.

REIS. L.B. **Tratamento de animais em Juiz de fora**: Hospital Veterinario Publico. Juiz de Fora. UFJF, 2015

SANTOS, Paula de Paiva. **A necessidade de consolidação dos fundamentos dos direitos dos animais domésticos no Brasil**: bem-estar animal, combate aos maus-tratos e ao abandono. 2021. 160 f., il. Dissertação (Mestrado em Direito)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVEIRA, A. **Projecao de Centro de Amparo para caes e gatos de Ibapa**. 2015. Disponível em: https://issuu.com/adrianasilveira4/docs/proje_o_de_centro_de_amparo_de_c Acesso em:

29 jul 2022

SOUZA, F. P. **Guia técnico para construção e manutenção de abrigos e canis**. Curitiba: CRMV-PR, 2016.

UMEES. **E-book: Bem-estar animal em abrigos**. Projeto de extensão Manejo Populacional de cães e gatos e da Unidade Móvel de Esterilização e Educação em Saúde - PMCG- UFPR. **Medicina Veterinária do Coletivo**, 2020.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de autorização de visita em abrigos

Anexo 2 - Formulário Com Questões Realizadas Nas Visita Aos Abrigos



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA**

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu..... nome do(a) entrevistado(a), abaixo assinado(a), autorizo Carla Mariana Amaral, estudante de Medicina Veterinária da Universidade Federal deUberlândia, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho deConclusão de Curso, que tem como título **PROMOÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMALNOS ABRIGOS DE UBERLÂNDIA**, orientado pela Profa. Dra. Carolina Franchi João.

Meus dados permanecerão em sigilo e todas as informações prestadas na entrevista serão mantidas confidenciais, sendo os dados coletados apresentados como estatística na pesquisa.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do entrevistado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FAMEV - FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO MEDICINA VETERINÁRIA

FORMULÁRIO COM QUESTÕES REALIZADAS NAS VISITA AOS ABRIGOS

- 1. Instituição:** _____
- 2. Localização:** área urbana () rural ()
- 3. Responsável:** _____
- 4. Possui funcionários?** Não () Sim () Quantos? _____
- 5. Tipo de animais e quantidade abrigados no momento da pesquisa:**
 Apenas caninos (): _____ Apenas felinos () _____
 Caninos e felinos (): _____ (caninos) _____ (felinos).
- 6. Quantidade por gênero:**
 Machos: Caninos _____ Felinos _____ Total _____
 Fêmeas: Caninos _____ Felinos _____ Total _____
- 7. Tipo de Canil:**
 Coletivo () Individual () Misto () Livres no espaço () Medidas: _____
 Gatil? () Não. () Sim: Quantos: _____ Medidas: _____
- 8. Quantos cães admite (recebe) mensalmente?**
 Até 10 cães () Acima de 10 cães () Não sei ()
 Não admite mais cães () Não possui cães ()
- 9. Quantos gatos admite (recebe) mensalmente?**
 Até 10 gatos () Acima de 10 gatos () Não sei ()
 Não admite mais gatos () Não possui gatos ()
- 10. Os animais do abrigo possuem ficha de registro?**
 Sim () Não ()
- 11. Quantos animais (em média) são doados mensalmente?**
 Até 10 animais () Acima de 10 animais ()
- 12. Os cães são vacinados no abrigo? ***
 Sim, na admissão/entrada ()
 Sim, quando recebe doação de vacinas ou nas campanhas de vacinação da Prefeitura ()
 Sim, em momentos variáveis durante a estadia no abrigo () Não são vacinados ()
 Não há cães no abrigo ()
- 13. Os gatos são vacinados no abrigo? ***
 Sim, na admissão/entrada () Sim, quando recebe doação, sem protocolo específico ()
 Sim, em momentos variáveis durante a estadia no abrigo ()
 Não são vacinados () Não há gatos no abrigo ()
- 14. Se vacina, qual protocolo é realizado? ***
 Sim, somente animais saudáveis ()
 Sim, 3 a 4 doses em filhotes (intervalos de 3 a 4 semanas) e adultos reforço ()
 Anual () Sim, apenas 1 dose () Não vacina os animais ()
- 15. Os animais são vermifugados no abrigo?**
 Sim, na admissão/entrada e periodicamente () Sim, periodicamente ()
 Somente na admissão/entrada () Não ()
- 16. Como realiza controle de ectoparasitas (pulgas/carrapatos) ***
 Sempre na admissão/entrada é administrado a medicação nos animais ()
 As vezes administra medicação nos animais () As vezes combate no ambiente ()
 Não combate no ambiente ()

17. Os animais são submetidos a esterilização cirúrgica (castração) durante a permanência no abrigo?

Sempre () Alguns sim () Não ()

18. O abrigo realiza protocolo de limpeza?

Sim, a limpeza: retira sólidos, água, detergente e desinfetante separadamente ()

Sim, a limpeza: retira sólidos, água, detergente e desinfetante misturados ()

Sim, limpeza com água e detergente () Não ()

19. O abrigo realiza avaliação comportamental dos animais?

Sim () Não () Não sabe ()

20. Como o abrigo se mantém financeiramente? *

Realização de eventos: rifas, bazar, bingo, pizzas, galinhada, etc. ()

Doações via internet, simpatizantes da causa animal, grupo de amigos ()

Recursos Públicos (MP, Prefeitura) () Recurso Próprio (salário, aposentadoria) ()

21. Quem cuida do abrigo? *

Cuido sozinho (a) () Possui funcionário (s) () Possui voluntário (s) ()

22. Quando precisa de assistência veterinária, como procede? *

Possui médico veterinário contratado () Leva o animal no hospital veterinário da UFU ()

Leva o animal em clínica veterinária particular parceira ()

Contrata veterinário que atende a domicílio ()

23. Como os animais são alocados no abrigo? *

Possui canil/gatil individual () Possui canil/gatil coletivo ()

Todos soltos pela casa/terreno/chácara () Alguns animais soltos outros confinados ()

24. Os animais são alimentados?

Ração seca exclusivamente () Somente comida () As ração, as vezes comida ()

25. Os animais confinados têm espaço adequado de acordo com a espécie?

Sim () Não ()

26. O abrigo possui local de isolamento/quarentena?

Sim () Não ()

27. Os animais confinados têm momentos de soltura?

Sim, 1 a 2 vezes ao dia () Sim, 2 a 4 vezes por semana ()

Não saem do confinamento ()

28. Quais medidas adota para enriquecimento ambiental? *

Brinquedos caseiros (garrafas pet, caixas de papelão, etc) () Bolinhas ()

Pelúcias () Adestramento ou interação humano diferente do tratador ()

Passeios () Ossos (de suíno ou bezerro) ou petiscos ()

29. Realiza ou participa de eventos de adoção?

Sim () Não () Quais critérios para admissão? ()

* Pode haver mais de uma opção de resposta por abrigo. Fonte: Autora (2022)